

PREFÁCIO*

O Livro que ora o(a) leitor(a) tem o prazer de ter em mãos “Caminhos metodológicos, saberes e práticas profissionais e populares em territórios de resistência” organizado pelas docentes Katia I. Marro, Elizabeth Carla Vasconcelos Barbosa e Suenya Santos, pode ser considerado um daqueles livros que lemos, relemos e uma vez mais consultamos por sua relevância, inovação e atualidade no referencial teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo assumido com direção social.

Pode-se afirmar que este Livro contribui para suprir uma das lacunas presentes no trabalho profissional de todas(os) aquelas(es) profissionais das ciências humanas e sociais que se colocam em movimento a partir das múltiplas determinações sócio-históricas da realidade brasileira no compromisso com os movimentos sociais e suas lutas no âmbito da formação: no ensino, na pesquisa e na extensão, bem como do trabalho profissional. Uma dessas lacunas se refere à pouca produção sistematizada da práxis profissional na esfera da *dimensão técnico-operativa* cujas experiências aqui tratadas vêm contribuir para sua superação e se orientam pelo Projeto Ético-Político Profissional de ruptura com o conservadorismo expresso no Código de Ética e na Nova lei de Regulamentação da Profissão, em 1993, e nas Diretrizes Curriculares de 1996 que norteiam a formação e o trabalho profissional da(o) assistente social.

Importante reacender, em nossa memória que essa ruptura, pública e coletiva, eclode em 1979, no III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais-CBAS, o conhecido “Congresso da Virada” em que as(os) profissionais presentes se reconhecem como trabalhadoras(es) inscritas(os) na divisão sociotécnica do trabalho em sua condição de assalariamento. Imprimem a direção social da profissão no compromisso com a classe trabalhadora em seus interesses imediatos (trabalho, educação, saúde, terra, moradia, cultura, esporte, lazer) e históricos (na luta por uma sociedade sem exploração no trabalho e sem opressão social de classe, gênero, raça, etnia, orientação sexual, geracional) no horizonte de uma sociedade libertária e igualitária. Posteriormente com o adensamento teórico e a práxis profissional, as(os) profissionais ampliam a compreensão de sua inserção na divisão sociotécnica acrescida da divisão racial e sexual do trabalho. A “Questão Social”, inerente à contradição capital e trabalho, na sociedade capitalista, tem a desigualdade como elemento constitutivo das relações sociais de classe, entre aqueles que trabalham e produzem a riqueza social, a classe trabalhadora, e aqueles que a exploram na apropriação privada da força de trabalho para o capital, ou seja, a burguesia, como classe dominante na sociedade de classes. Nesse sentido ao nos voltarmos para a matéria prima da formação e do trabalho profissional, advinda da “Questão Social”, em suas múltiplas expressões, nos deparamos com a contradição antagônica entre as classes sociais na sociedade burguesa, articulando nosso projeto profissional ao projeto societário anticapitalista de emancipação humana.

*DOI – 10.29388/978-65-86678-92-5-0-F.7-11

O livro que ora se apresenta é mais um instrumento nesta direção socioprofissional que, sem dúvida, colaborará e muito para a formação e para o trabalho profissional das(dos) assistentes sociais, enfermeiras e nutricionista das universidades públicas que nos brindam com estas ricas experiências, mas também para os profissionais das áreas das ciências humanas e sociais que atuam diretamente com os setores populares.

Trata-se de um livro com sete capítulos, escritos por vinte autoras(es), sendo dezessete assistentes sociais, duas enfermeiras e uma nutricionista que desenvolveram e desenvolvem projetos de extensão universitária, de trabalho de campo, da pesquisa e da intervenção profissional. Essas experiências espelham a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão no tripé, que nos é tão caro, para a formação profissional e foram realizadas no processo de formação da graduação em Serviço Social, Enfermagem e Nutrição nas universidades públicas, a saber: UFF Rio das Ostras, UFF Niterói; UFRJ-Rio de Janeiro e Campus Macaé; UNESP - Franca/São Paulo; UFPA - Belém do Pará e Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata-MG. Reunem profissionais e estudantes inseridas(os) no ensino, em núcleos de pesquisas e no exercício profissional em sua práxis em vários territórios do país a partir da relação com os movimentos sociais populares, urbanos e rurais.

Aqui também identificamos uma novidade promissora que é a da retomada da relação entre profissão e movimentos sociais, tão cara e presente nos anos 80 do século XX. A partir da resposta do capital à sua própria crise estrutural, nos anos 90 do século XX, com o processo de acumulação flexível no mundo do trabalho e a investida neoliberal na esfera do Estado decorrem imensos ataques aos trabalhadores para o capital retomar suas taxas de lucro. Essa ofensiva se materializa na ampliação da superexploração do trabalho, no desemprego estrutural, nas contrarreformas do Estado, do Ensino Superior, Trabalhista, Sindical, Previdenciária, que retiram direitos da classe trabalhadora historicamente conquistados. Há uma retração das lutas sociais de ação direta dos anos 80 para uma ação defensiva, meramente negocial dos trabalhadores, nos anos 90, prescindindo das ações de massa e greves tão fortemente desencadeadas nos anos 80 nas lutas contra a ditadura e por melhores condições de vida e trabalho. Nos anos 2000, com o socialdesenvolvimentismo, ocorrerá um apassivamento dos trabalhadores mediante sua cooptação pelos governos democrático-populares. Embora se registrem programas sociais assistenciais, implantados pelos governos do Partido dos Trabalhadores, estes estiveram desvinculados de programas sociais estruturantes, em continuidade à programática neoliberal dos governos anteriores de Collor de Mello, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso que se estenderam nos governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Estudos e pesquisas demonstram ainda, neste período, a partir dos anos 90, uma redução da ação profissional com os movimentos sociais, bem como a execução do trabalho profissional centralmente realizado na gestão participativa das políticas sociais no aparelho do Estado. Na segunda década dos anos 2000 observa-se com muito vigor a retomada da ação socioprofissional juntamente aos movimentos sociais, bem como o debate na formação da graduação e da pós-graduação, com pesquisas voltadas para as lutas de resistência dos movimentos sociais e populares:

antirracistas, antipatriarcal, anti Lgbtquia+fobia, articulados à luta anticapitalista, a partir das lutas concretas, cotidianas na luta pela terra, pela moradia, pela segurança alimentar, pela reforma agrária, pela demarcação das terras indígenas, pela saúde, pelas lutas dos povos tradicionais, pela organização agroecológica e feminista das mulheres, pelo reconhecimento das culturas e identidades particulares e de classe, a partir da ação nos territórios dos vários movimentos sociais rurais e urbanos, como ilustram as práticas contidas neste livro. De outro lado as entidades representativas da categoria na formação e no exercício profissional: ABEPSS, Conjunto CFESS/CRESS e representação estudantil ENESSO imprimem a direção político-organizativa do projeto hegemônico da profissão; o que não significa dizer que tendências (neo)conservadoras e tecnocráticas, burocráticas, não se reatualizam, portanto a luta é permanente na defesa do nosso projeto profissional.

O fio condutor dessas *experiências de ensino, pesquisa e extensão universitária* se realiza a partir da *dimensão técnico-operativa da profissão*, o que requer a criação de instrumentos na intervenção profissional, tendo como referência o processo de educação popular como metodologia na práxis cotidiana, aqui retomados os ensinamentos de Paulo Freire. Tais experiências trazem multiprofissional, da interdisciplinaridade e interinstitucionalidade na esfera da totalidade da vida social, em permanente interlocução entre todos os sujeitos envolvidos, ou seja, participantes dos movimentos populares, docentes, discentes e profissionais em uma relação de mútuo aprendizado, a partir das demandas e necessidades sociais trazidas pelos trabalhadores em processos contínuos de implementação e avaliação do trabalho realizado.

Cabe ressaltar que a conjuntura do país com o golpe parlamentar, midiático, institucional de direita, em 2016, com sustentação do capital internacional, depõe a presidente Dilma, sem crime de responsabilidade e assume o golpista Michel Temer, para imprimir uma maior celeridade à aprovação da contrarreforma trabalhista, através dos projetos de terceirização ilimitada e do trabalho intermitente, com a ampliação do desemprego estrutural, da precarização e desregulamentação das relações de trabalho; à instauração da PEC 95 que congela por vinte anos o orçamento das áreas sociais da saúde, da educação e da assistência social para o pagamento da dívida pública no compromisso com o grande capital internacional, dilapidando as condições de vida e trabalho das massas trabalhadoras. Essa conjuntura se torna ainda mais destrutiva para os trabalhadores, a partir da posse do (des)governo genocida de Bolsonaro, em janeiro de 2019, de traços neofascistas de extrema direita, em que as investidas contra a classe trabalhadora se alastram com as contrarreformas da previdência aprovada e a administrativa em tramitação; a retração na demarcação das terras indígenas e da reforma agrária; as privatizações; a expansão do genocídio da população pobre e negra das periferias, as perseguições e criminalização dos movimentos sociais, a quebra da autonomia universitária com redução de recursos, perseguição aos(as) docentes e discentes e mais contrarreforma, acrescidos da crise sanitária no interior da crise capitalista que hoje expressa o índice de mais de 600 mil mortes no país pela COVID 19 extremamente irradiados por uma política genocida, negacionista deste desgoverno.

É sobre esse solo histórico, estrutural e conjuntural da realidade de um país de tardio capitalismo periférico, no processo de desenvolvimento desigual e combinado, agravado pelo retrocesso fascista em curso, que essas experiências se constroem e nos auxiliam a iluminar e fortalecer nossa formação e trabalho profissional com direção social na perspectiva emancipatória. Creio ainda que este livro pode ser um instrumento didático-pedagógico no processo de formação profissional nas oficinas, disciplinas e estágios supervisionados do núcleo dos fundamentos do trabalho profissional articulado aos núcleos de formação sócio-histórica da sociedade brasileira e dos fundamentos teórico-metodológicos da vida social.

Os territórios de atuação dos projetos extensionistas, sejam eles rurais: acampamentos e assentamentos da reforma agrária vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST; ou urbanos: favelas, ocupações do Movimento dos Trabalhadores sem Teto MTST; trabalho com mulheres agricultoras agroecológicas das baixadas litorâneas, nas lutas do campesinato na América Latina; movimentos sociais na Amazônia, processos participativos na política urbana e habitacional; povos originários, indígenas em diversos territórios do país, movimentos feministas antipatriarcado e anticapitalista são amplamente desenvolvidos em um trabalho coletivo.

Longe de apresentar modelos acabados, as experiências registradas tratam da pesquisa ação, da reflexão permanente, a partir do movimento da realidade, qual seja, a análise concreta das situações concretas, como nos orienta o legado marxiano e a tradição marxista, plena de uma práxis teórico-reflexiva em suas experiências técnico-operativas nutridas das categorias de totalidade, contradição, processualidade e mediação no processo da luta de classes na sociedade brasileira. A extensão universitária, embora prevista como um dos componentes formadores, ainda está ausente em muitas unidades de ensino, o que se constitui meta prioritária a ser introduzida juntamente com o ensino e a pesquisa socialmente referenciados; portanto este livro é um alento para a implantação e consolidação da extensão universitária em sua relação com os movimentos sociais autônomos, independentes e classistas como uma das objetivações centrais no processo de ruptura com o conservadorismo, que aqui incide na particularidade criativa dos instrumentos técnico-operativos mediadores. O Livro expressa em todos os capítulos um roteiro comum, a saber: Introdução; De que território estamos falando? Para iluminar a reflexão; Adapte, use e reutilize e Referências Bibliográficas que nos faz deleitar com as experiências trabalhadas.

A leitura e releitura deste livro nos conduz a caminhos criativos, inovadores, desafiadores pelo conhecimento: dos sujeitos vivos e ativos partícipes de todo o processo; das atividades desenvolvidas; dos instrumentos técnico-operativos criados e recriados; da caracterização socioambiental, espacial, geopolítica dos territórios; das demandas apresentadas; dos desafios e soluções encontrados nas práticas profissionais e populares em curso; das oficinas de produção de novas cartografias sociais construídas nos territórios; das memórias de resistência popular registradas; de cadernetas agroecológicas utilizadas; do documentário popular como instrumento pedagógico na formação profissional; dos instrumentos de pesquisa sobre condições

de vida e trabalho; do incentivo a redes de comunicação e solidariedade; da socialização das informações; do registro histórico das comunidades trabalhadas e de sua dinâmica sócio-territorial; das técnicas de produção de croquis, e de gravação de áudio; de metodologias para estudos socioeconômicos nos territórios; do mapeamento dos grupos, dos movimentos sociais e de suas formas de organização; de vivências de jogos para reflexão de processos da formação da consciência; da valorização das formas organizativas, das expressões de resistência, entre elas a religiosidade; da valorização da cultura popular e da linguagem com elementos de singularidades e particularidades sócio-históricas e organizativas, na perspectiva da totalidade da vida social.

Configura-se portanto em um incentivo à auto-organização autônoma de grupos e movimentos sociais em uma concepção dialética do ponto de vista geográfico, histórico, político, social e cultural no âmbito das relações de produção e reprodução social na reflexão e atuação coletiva nas múltiplas expressões da questão social nos territórios trabalhados em uma troca constante de saberes entre moradores, docentes, pesquisadores, estudantes e profissionais.

Por último quero agradecer às organizadoras e autoras(es) pela confiança para prefaciar este livro que para mim foi um grande presente! Estou convencida que este caminho trilhado é prospectivo e nos incendeia a continuar em nossa trajetória de lutas para enfrentar a barbárie capitalista na direção da emancipação humana. Deixo aqui um convite para esta leitura imprescindível e que também possam criar e reutilizar os ensinamentos que nos trazem essas experiências para os dias que aí estão e virão.

Maria Beatriz Costa Abramides

Professora Dra. do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC SP
Coordenadora do NEAM-Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamentos Marxistas
Membro do GT Ampliado da ABEPSS de Movimentos Sociais e Serviço Social
Vice Presidente da Associação de Professores da PUCSP-APROPUC-SP